

A EDUCAÇÃO ESPECIAL EM CONTEXTO INDÍGENA E AS BRINCADEIRAS DA ETNIA JERIPANCÓ

SPECIAL EDUCATION IN INDIGENOUS CONTEXTS AND JERIPANCÓ ETHNICITY GAMES

EDUCACIÓN ESPECIAL EN CONTEXTOS INDÍGENAS Y JUEGOS DE JERIPANCÓ

DENILSON DINIZ PEREIRA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA – ICSEZ/UFAM
PARINTINS, AMAZONAS, BRASIL
DENILSONDINIZP@GMAIL.COM
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-3807-8885](https://orcid.org/0000-0003-3807-8885)

TAILDE CORREIA SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL/CAMPUS SERTÃO
PARICONHA, ALAGOAS, BRASIL
[TAILDESILVA@HOTMAIL.COM](mailto:TALDESILVA@HOTMAIL.COM)
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-8441-7406](https://orcid.org/0000-0002-8441-7406)

ROSEJANE DA MOTA FARIAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
MANAUS, AMAZONAS, BRASIL
ROSELIBRAS@YAHOO.COM.BR
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-0283-1169](https://orcid.org/0000-0003-0283-1169)

MARIANA VERÍSSIMO SOARES DE AGUIAR E SILVA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS – PUC-MINAS
BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL
MVERISSIMO@PUCMINAS.BR
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-4888-9801](https://orcid.org/0000-0002-4888-9801)

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo compreender a educação especial em contexto indígena e as brincadeiras da aldeia Jeripancó da terra indígena Ouricuri, situada no município de Pariconha no estado de Alagoas, pondo em questão as relações construídas, visto que a brincadeira é um elemento que compõem a infância, evidenciando aspectos culturais, sociais e históricos como elementos de aprendizagem e desenvolvimento. Nesse sentido, o âmbito educacional torna-se espaço para desenvolver e mostrar o sentido da brincadeira na formação pessoal e profissional de cada sujeito em particular a pessoa indígena com deficiência, uma vez que as ações pedagógicas por meio de atividades lúdicas direcionam estímulos significantes na aprendizagem, considerando ainda, uma reflexão acerca da prática educativa. A metodologia utilizada nesta pesquisa de campo foi descritiva pautada em Gil (2008), utilizando-se de uma abordagem qualitativa, conforme Oliveira (2012). O período de realização da coleta de dados teve a duração de aproximadamente cinco meses a contar do momento do levantamento bibliográfico. Da análise temático-categorial emergiram categorias a fim de facilitar a discussão dos resultados, a partir da pesquisa de revisão integrativa sobre a educação especial em um espaço geográfico indígena e as brincadeiras das crianças indígenas Jeripancó. Assim, esta pesquisa oferece uma interface dual entre a educação especial e a educação escolar indígena, de forma que possam contribuir para a sobrevivência das culturas indígenas promovendo o desenvolvimento permanente, sem a perda da identidade étnica e de sua cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial; Educação Escolar Indígena; Brincadeira; etnia Jeripancó.

ABSTRACT: This research aims to understand special education in indigenous context and the Jeripancó village ethnic games from the Ouricuri indigenous land, located in the municipality of Pariconha in the state of Alagoas, calling into question the relationships built, since the game is an element that make up the childhood, highlighting cultural, social and historical aspects as elements of learning and development. In this sense, the educational scope becomes a

space to develop and show the sense of games in the personal and professional training of each person, in particular the indigenous person with a disability, since the pedagogical actions through playful activities direct significant stimuli in learning, considering also, a reflection about the educational practice. The methodology used in this field research was descriptive based on Gil (2008), using a qualitative approach, according to Oliveira (2012). The data collection period lasted approximately five months from the moment of the bibliographic survey. From the thematic-categorical analysis, categories emerged in order to facilitate the discussion of the results, based on an integrative review research on special education in an indigenous geographic space and the Jeripancó indigenous children games. Thus, this research offers a dual interface between special education and indigenous education, so that they can contribute to the survival of indigenous cultures by promoting permanent development, without losing ethnic identity and citizenship.

KEYWORDS: Special Education; Indigenous Education; Game; Jeripancó ethnicity.

RESUMEN: Esta investigación tiene como objetivo comprender la educación especial en un contexto indígena y los juegos de la aldea Jeripancó de la tierra indígena Ouricuri, ubicada en el municipio de Pariconha en el estado de Alagoas, cuestionando las relaciones construidas, ya que el juego es un elemento que conforman la infancia, mostrando aspectos culturales, sociales e históricos como elementos de aprendizaje y desarrollo. En este sentido, el ámbito educativo se convierte en un espacio para desarrollar y mostrar el sentido del juego en la formación personal y profesional de cada sujeto, en particular del indígena con discapacidad, ya que las acciones pedagógicas a través de actividades lúdicas dirigen estímulos significativos en el aprendizaje, considerando también, una reflexión sobre la práctica educativa. La metodología utilizada en esta investigación de campo fue descriptiva con base en Gil (2008), utilizando un enfoque cualitativo, según Oliveira (2012). El período de recolección de datos duró aproximadamente cinco meses desde el momento del levantamiento bibliográfico. Del análisis temático-categorico surgieron categorías para facilitar la discusión de los resultados, a partir de una investigación de revisión integradora sobre la educación especial en un espacio geográfico indígena y los juegos de los niños indígenas Jeripancó. Así, esta investigación ofrece una doble interfaz entre la educación especial y la educación escolar indígena, para que puedan contribuir a la supervivencia de las culturas indígenas promoviendo el desarrollo permanente, sin perder la identidad étnica y la ciudadanía.

PALABRAS CLAVE: Educación Especial; Educación Escolar Indígena; Juego; Etnia Jeripancó.

Introdução

Creio que sejam o meu grande amor. Mas as amo pouco, quase invisível porque não tenho um coração que ame tanto. Entre todas as coisas que amo, elas são as coisas que mais amo, mas é sempre um pequeno amor o que posso dar a elas. Padre Augusto Gianola, comparando o seu amor pelas crianças indígenas. (CERQUA, 1980, p. 45).

O primeiro contato com a cultura Jeripancó¹ foi em 2018, por meio de diálogos durante a participação dos pesquisadores no V Congresso Nacional de Educação - CONEDU realizado em Recife-PE, quando decidimos estudar esse povo. Sempre nos interessamos pela cultura indígena e nos fascinavam os ritos, cantos e tradições desses povos, mas pouco sabia sobre as etnias indígenas existentes no Nordeste brasileiro.

Para o desenvolvimento da escrita desta pesquisa tivemos como companheira a beleza do pôr e do nascer do sol na Serra do Engenho no alto sertão alagoano, sendo este um momento propício para refletir sobre as brincadeiras indígenas no contexto da educação especial das

1 Há uma escrita referente aos Jeripancó que se difere. Em alguns textos, aparece como Geripancó e em outros como Jeripancó. Optamos pela escrita JERIPANCÓ, baseado nos escritos de alguns índios e segundo eles, essa escrita está mais “correta” porque se liga mais aos seus antepassados.

crianças da etnia Jeripancó, visto que qualquer forma de brincar possa servir para evidenciar as dimensões da cultura e da vida social dos povos indígenas do Brasil. (SILVA; DINIZ, 2019)

Ao pesquisar as brincadeiras indígenas Jeripancó, observa-se que segundo Silva e Diniz (2019), algumas etnias não deixam fazer referência às crianças diante da importância que elas possuíam dentro da sociedade indígena.

Para Faustino e Mota (2016, p. 36):

Alguns autores e etnógrafos clássicos observaram as crianças indígenas, suas relações com os grupos familiares, suas brincadeiras e vivências e sobre elas fizeram relevantes anotações, evidenciando haver uma tradição, que remonta há alguns séculos, de registros referentes à infância indígena, obviamente limitados aos objetivos das observações do período e da própria visão que se tinha a respeito da criança.

Visto que as atividades lúdicas que as crianças indígenas participam é o brincar livre na aldeia e nos rios ou com os animais de estimação que costumam criar a fim de (re)conhecer as brincadeiras indígenas de sua etnia explicando qual o propósito da mesma a partir de sua interação com o meio.

Nesse ponto, é importante enfatizar dois aspectos. Primeiro: apesar de as comunidades indígenas serem muito diferentes, na maioria delas predominam as brincadeiras junto à natureza. Segundo: os brinquedos são feitos de materiais retirados da natureza, e uma boa parte das atividades, os pequenos brincam em grupos e sem competir, aprendendo diversas práticas do cotidiano, respeitando e valorizando as diferenças

Os Jeripancós mesmo migrados para longe do núcleo Pankararu, mantiveram contato com os parentes e as festas indígenas, e foi através dessas relações que mantinham com os parentes Pankararu, que construíram uma identidade própria, com um nome próprio, mesmo sendo que derivado do tronco Pankararu, nome este que veio a ser Jeripancó, o qual que já havia pertencido aos seus antepassados, ligados a história dos Pankararu.

Observa-se assim que os Jeripancó vivenciam a história numa perspectiva envolvente, não só a memória do seu grupo, como também de outros povos ligados a outras etnias. (FERREIRA, 2008)

Optamos por conhecer, com detalhes, as brincadeiras desta comunidade indígena antes do olhar mais detidamente sobre o ambiente escolar, por entender que uma precede a outra. Assim, passamos a conhecer e pesquisar o ambiente vivido pelo indígena como fonte primordial de entendimento daquele mundo. Os elementos obtidos foram expostos no texto ora de forma descritiva, ora analítica, sendo também um momento propício para refletir sobre a permanência e incorporação das brincadeiras na educação especial em contexto indígena das crianças da etnia Jeripancó, no que observamos que qualquer forma de brincar possa servir para evidenciar as dimensões da cultura e da vida social dos povos e comunidades tradicionais pelo Brasil, mesmo nas comunidades já tomadas por influências e ações disciplinadoras ou de elementos de alta tecnologia que vem sendo inseridos nas comunidades.

Segundo Brasil (2007),

A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) foi instituída, em 2007, por meio do Decreto nº 6.040. A Política é uma ação do Governo Federal que busca promover o desenvolvimento sustentável

dos Povos e Comunidades Tradicionais, com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições.

As crianças indígenas Jeripancó participam de todas as atividades junto aos adultos, auxiliando-os nas lutas e reivindicações das relações sociais e dos cuidados pessoais.

Encontramos certas brincadeiras, a exemplo do jogo da bola. Neste tipo de jogo, a bola de borracha pode ser também uma cabeça de animal, um emaranhado de palhas de milho ou outro tipo de material, contanto que dê a forma esférica e possa-se movimentar com rapidez e exigindo-se dos jogadores apenas destreza necessária à continuidade do jogo, não chegando a se destacar uma atitude lúdica apenas vivenciada pelas crianças, visto que, mesmo com relação às atividades consideradas de trabalho, as crianças participam desde a tenra idade.

As crianças vivem num cenário bastante natural, próximas de suas tradições e costumes, rodeados por animais e beleza encontrada nas matas. Caçam e trabalham com os mais velhos e aprendem a se proteger de animais sem temê-los, participando da colheita de milho, mandioca e no preparo da farinha, além de aprenderem a arte de retirarem suas vestimentas (croá) advindas da flora e orientar-se pelo caminho do mato.

As meninas desde muito cedo desempenham tarefas exclusivas como: cuidar das crianças pequenas, dar-lhes alimentação e os cuidados necessários. Também plantam, cuidam das roças, colhem milho, feijão, arroz, fazem farinha e também são responsáveis pela confecção de artefatos, utilizando materiais obtidos da diversificada fauna e flora, desenvolvendo o que Iturra (1997) chamou de Aprendizagem pragmática, a qual acontece na relação entre crianças e seus pais que ensinam comportamentos e valores dos elementos.

Cohn (2005), afirma, ainda, que a antropologia reconhece a criança como sujeito social ativo e atuante, produtor mais que receptor de cultura, portanto, consideramos que o brincar da criança indígena pode ser um conteúdo importante na prática pedagógica na Educação Escolar Indígena, mesmo que em muitos momentos torna-se invisível, levando em conta que o desenvolvimento da criança é mediado por situações imaginárias, instrumentos simbólicos de diferentes significados e ações, os quais permeiam sua experiência acumulada a partir da inserção e aprendizado na interação social dentro e fora da aldeia.

Sobre o método

O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. (GUIMARAES ROSA, 1976, p. 44)

No primeiro momento para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica. Posteriormente, a presente pesquisa foi realizada conforme a metodologia qualitativa, pois de acordo com Oliveira (2012), os procedimentos analíticos que envolvem este tipo de abordagem não podem ser predefinidos:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto da pesquisa. (OLIVEIRA, 2012, p. 60).

Participaram da pesquisa crianças indígenas com e sem deficiência da etnia Jeripancó e o período de realização compreendeu os meses de fevereiro a junho de 2019 a contar do momento do levantamento bibliográfico.

Os registros dos dados realizados pelos pesquisadores tiveram como principal unidade de análise a observação relacionada à educação especial em contexto indígena e as brincadeiras da aldeia Jeripancó da terra indígena Ouricuri, situada no município de Pariconha no estado de Alagoas.

Este espaço geográfico apresenta aspectos mediados pela seca, os quais não usufruem de passeios de canoas, pois a seca acaba sendo um empecilho nesse meio ocasionado pelo clima Tropical Semiárido, para tanto, não impede a criança de mergulhar nas margens da natureza.

A escolha das brincadeiras pelos pesquisadores partiu das crianças indígenas e de forma aleatória e após todos os trâmites, começamos a organizar e analisar os dados, iniciando a observação das brincadeiras desenvolvidas pelas crianças, para assim ter um melhor entendimento dos comportamentos anteriormente observados e depois de toda essa etapa foi possível conhecer as brincadeiras indígenas Jeripancó.

As crianças, juntas com os adultos, jogam futebol, imitam bichos, modelam bichinhos de barro, tomam banho e brincam em lagos e riachos. Pelo mato pulam e passam por baixo do cipó, brincam de queimada, barra-bandeira, corrida do saci, carrinho de mão, bolinha de gude, corrida do maracá, puxada do cipó ou cabo de guerra, peteca que além da brincadeira utilizam na caça, fazem colar e tecem palha, dançam e cantam toantes Jeripancó.

O ser vivo e o meio, considerados separadamente, não são normais, porém é sua relação que os torna normais um para o outro. O meio é normal para uma determinada forma viva na medida em que lhe permite uma tal fecundidade e, correlativamente, uma tal variedade de formas que, na hipótese de ocorrerem modificações do meio, a vida possa encontrar em uma dessas formas a solução para o problema de adaptação que, brutalmente, se vê forçada a resolver. Um ser vivo é normal em um determinado meio na medida em que ele é a solução morfológica e funcional encontrada pela vida para responder a todas as exigências do meio. Em relação a qualquer outra forma da qual se afasta, esse ser vivo é normal, mesmo se for relativamente raro, pelo fato de ser normativo em relação a essa forma, isto é, desvalorizando-a antes de eliminá-la. (CANGUILHEM, 2009, p. 56).

Para além, as crianças participam dos rituais e o reproduzem em seu dia seu dia-a-dia, simbolizado na prática das brincadeiras, a exemplo disto especificamos “O Menino do Rancho” (ritual tradicional da aldeia), em que através deste ritual as crianças retratam sua vivência medida na forma do brincar, incluindo assim todas as crianças Jeripancó, pois o brincar das crianças indígenas serve para evidenciar as dimensões da cultura e da vida social. Silva, Nunes e Macedo (2002), Nascimento, Brand e Aguilera Urquiza (2006) e Tassinari (2001).

Assim, conforme Wajskop, (1996) e Zanella (2002), destacaram a prevalência das brincadeiras junto à natureza, nos rios e nas matas, todos juntos, crianças, pais e parentes. Essa é uma característica do modo de brincar de muitas crianças indígenas pelo Brasil e também a incorporação de novos modos de brincar, devido à aproximação com a cultura dos brancos e a sua deficiência.

O duplo desafio da inclusão: o indígena em situação de inclusão escolar

A verdadeira deficiência é aquela que prende o ser humano por dentro e não por fora, pois até os incapacitados de andar podem ser livres para voar. (MORAES, 1989, p. 42).

O Relatório das Nações Unidas para a Infância, intitulado “Garantindo os Direitos de crianças Indígenas”, afirma que, na maioria dos países, “[...] as crianças indígenas são grupos marginalizados e discriminados. As comunidades indígenas sofrem com altas taxas de mortalidade infantil, falta cuidados médicos, pouca oferta de escolas e ensino de péssima qualidade”. (UNICEF, 2004).

Assim, para Buratto, Barroco e Faustino (2010, p. 113):

A educação escolar indígena, almejada por muitos povos indígenas, que veem, na educação, um instrumento de luta e valorização de sua cultura, ainda não venceu o desafio de superar o descompasso e as lacunas existentes entre a legislação e as políticas implementadas e, principalmente, no tocante ao atendimento especial para as comunidades.

A atual Constituição Federal Brasileira, promulgada em 1988, dedicou aos índios um capítulo específico, com direitos e garantias fundamentais e assim refere-se, no capítulo VII – dos índios no artigo 231 “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, cabendo à União demarcá-las, proteger e respeitar todos os seus bens” (BRASIL, 1988).

Várias estatísticas mostram que populações indígenas são as que mais sofrem com a miséria e a fome no Brasil.

Esta fome não está associada somente a ausência de demarcação de seus territórios, mas também a omissão do Estado em relação a saúde, educação deprecação ambiental e projetos que estimulem os diferentes povos a desenvolverem alternativas econômicas autossustentáveis. (PIETRICOVSKY, 1995, p. 5).

Embora haja esforços no sentido de atender às diferenças e de se manter um diálogo interétnico, quando se trata de deficiências entre os indígenas, muitas justificativas são usadas em nome da diferença para legitimar a exclusão e se manter o status quo. (VAN DEN BERG, 2019)

Observa-se que a escola indígena, existe o distanciamento entre oferecer escola e não disponibilizar suporte para se ocorrer a apropriação dos conhecimentos científicos acumulados, além de que os professores indígenas pesquisados possuem poucos recursos e procuram mediar para que a escola indígena cumpra sua função social, socializar o saber sistematizado (SAVIANI, 2012, p. 19).

As populações indígenas encontram-se em situação de fragilidade social, inviabiliza toda e qualquer atuação no que se refere ao atendimento educacional terapêutico, psicológico dessas pessoas que compõem esta população, que a séculos sofrem pela exclusão econômica e social, a marginalização política, o abuso e a exploração comercial.

Segundo Van Den Berg (2019, p. 12), a origem da educação indígena é milenar já a educação escolar indígena que possui esse contexto histórico, relacionando-se com a história

do Brasil por meio, inicialmente, da dominação, passando pela integração e homogeneização cultural e, atualmente, culminando no pluralismo cultural.

Essas tendências formam a base política de governo que é desenvolvida a cada etapa da história do país. A ideia de integração firmou-se na política indigenista brasileira até recentemente, persistindo, em sua essência, desde o período colonial até o final da década de 1980, quando um novo marco se constrói com a promulgação da Constituição Federal de 1988. (VAN DEN BERG, 2019, p. 12).

Neste sentido, entendemos a necessidade de pesquisa diagnóstica para verificar as principais ocorrências de deficiências entre os indígenas da etnia Jeripancó do Estado de Alagoas, assim como um trabalho de intervenção preventiva e ações que possam conhecer, refletir, reivindicar e usufruir dos direitos garantidos pela legislação vigente, visando o atendimento aos indígenas com necessidades educativas especiais.

Assim, a escola para as pessoas indígenas com deficiência deve ser comprometida com a reorganização do processo educativo e valorização do saber sistematizado como também na prática social transformadora, sendo ancorados aos anseios e aspectos culturais e linguísticos de cada povo indígena

Discutir educação inclusiva, pressupõe uma discussão acerca da educação escolar indígena dentro do contexto do ensino diferenciado, sendo que os povos indígenas passam por grandes lutas referentes a igualdade de direitos e respeito. De modo geral, se olharmos para o início da história dos povos indígenas no Brasil, é perceptível que os processos de reconhecimento e valorização sempre foram empecilho na vida social e educacional.

Entre grandes transformações, os sistemas de ensino propõem novas perspectivas de educacionais, considerando condições e realidades de cada indivíduo. Assim em particularidades, retratar as vivências das comunidades indígenas especificando o povo Jeripancó permite um resgate à historicidade a construção de uma educação mediada na luta e força e união.

Para Nascimento (2015), existe uma diferença entre educação indígena e educação escolar indígena. A educação indígena é a educação que a criança recebe no contexto da comunidade e que varia de etnia para etnia e das relações históricas de contatos (igrejas, escolas, mídias, confrontos por territórios, urbanidade entre) que o grupo vivencia, mesmo sendo de uma mesma etnia. Na educação indígena, os saberes são transmitidos tendo como referência a cultura, mesmo que hibridizada, as suas pedagogias, as suas relações com a natureza e suas organizações sociais, de relações de parentesco entre outras particularidades. A educação escolar indígena, a partir da Constituição de 1988, é um processo em construção tem em vista o respeito à diferença, ao bilinguismo, à interculturalidade e à especificidade de cada grupo indígena.

A educação do povo Jeripancó ainda passa por grandes dificuldades relacionadas à inclusão nos sistemas de ensino, pois a escola não tem estrutura para atender as crianças com necessidades especiais, não existindo salas adequadas, estruturação e recursos para prática educativa. Dessa forma, para o alcance de um ensino de qualidade e um ambiente favorável às suas condições, as crianças com deficiência da etnia Jeripancó deslocam-se para outra instituição pertencente ao município.

Para Luciano (2001), a educação indígena é tradicional e não é pautada por currículo ou semelhantes, visto que a Educação Escolar Indígena vem ganhando força no sentido de romper com o modelo educacional vigente resultado de um passado recente, que servia de instrumento

de imposição dos valores, normas culturais e práticas pedagógicas da sociedade envolvente, para promover um ensino pautado nos interesses e anseios de cada grupo étnico.

A precarização estrutural de ensino é um fato ocorrente em muitas realidades culturais e tradicionais, pois é preciso uma reflexão sobre a visão para com os povos indígenas, que lutam em busca de melhores qualidades e condições sejam no campo educacional, social ou na legitimidade de direitos.

Uma criança indígena com necessidade especial é uma criança que precisa ser respeitada como todas as outras. Por isso, a educação especial deve ser elaborada e planejada, mas educação para as crianças indígenas especiais é construída na cultura, religião e crenças, nos ritos tradicionais, e em cada brincadeira que a criança imagina e vive, invadindo em si o espírito de liberdade construindo e afirmando a transparência identitária.

Teorização sobre as brincadeiras indígenas Jeripancó

Diante das constantes mudanças no cenário educacional e social, é de grande importância elevarmos a ponto de discussão e reflexão a diversidade cultural, ressaltando a relevância das brincadeiras indígenas diante práticas tradicionais presente em sua realidade.

Brincar é uma importante forma de comunicação, é por meio deste ato que a criança pode reproduzir o seu cotidiano, num mundo de fantasia e imaginação. O ato de brincar possibilita o processo de aprendizagem da criança, pois facilita a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade, estabelecendo, desta forma, uma relação estreita entre jogo e aprendizagem. (FANTACHOLI, 2011, p. 01).

A brincadeira é uma ferramenta grandiosa na formação e construção da aprendizagem e percepção da criança, uma vez que o contexto social e cultural entre vivências e reações são bases influentes na autonomia da criança. Assim, é fundamental a permanência da liberdade nas práticas diárias das brincadeiras, possibilitando a construção da identidade e a compreensão do respeito.

As brincadeiras indígenas têm características próprias e singulares conforme cada comunidade, o povo Jeripancó carrega em sua cultura a divindade da espiritualidade, prevalecendo em cada ato seja pedagógico ou social, o amor e respeito aos seus costumes pela força da mãe terra.

Conforme Ferreira (2006):

Atividades corporais, com características lúdicas, por onde permeiam os mitos, os valores culturais e que, portanto, congregam em si o mundo material e imaterial, de cada etnia. Os jogos requerem um aprendizado específico de habilidades motoras, estratégias e/ou sorte. (FERREIRA, 2006, p. 50).

Dessa forma, a criança deve se sentir livre em seu meio convivente inteirando-se dos saberes construídos e existentes em seu espaço, tendo em vista que as atividades lúdicas presentes nas brincadeiras, são formas de desenvolvimento e aprendizagem em partes tradicionais e culturais.

Apesar de inúmeras mudanças sociais e culturais sob a diversidade de povos, prevalecem os saberes e conhecimentos vindo dos velhos que passam de geração em geração, é preciso manter acesa uma chama cultural para que não haja uma perda de especificidades no sentido tradicional das crenças, pois os sistemas globais vêm gerando novas práticas que muitas vezes são aderidas em muitas comunidades indígenas, quer seja na parte educacional ou social.

O cenário da aldeia Jeripancó da terra indígena Ouricuri, situada no município de Pariconha no estado de Alagoas, demonstra em suas particularidades uma riqueza natural advinda da natureza, isso traz toda diferença na liberdade do brincar. A criança indígena que tem a espiritualidade livre como o voo de um pássaro se constrói na beleza do soar da gaita e no toque de um maracá, por isso afirmamos que educação se encontra em qualquer lugar seja na flechada do umbu onde se quer respeito, equilíbrio e cautela, seja no plantio de plantas que carecem de amor e cuidados.

Considerando o território indígena do povo Jeripancó em sua estrutura física, compreende-se que as modalidades dos jogos e brincadeiras serão de acordo com seu ambiente.

Considerações Finais

A educação indígena permite resgate à cultura e a história por meio de relações e interações entre seus costumes e valores encontrados no dia a dia. Os resultados aqui apresentados trazem reflexões sobre os saberes/conhecimentos e as pedagogias que devem compor o currículo das escolas indígenas e da educação especial em contexto indígena, pois, oportuniza novas teorizações e reflexões que muito tem contribuído para os programas de formação de pesquisadores indígenas e de formação inicial e continuada de professores indígenas.

Nesse viés, é de suma importância considerar a realidade da criança, seja indígena ou não indígena. Assim, falar em brincadeiras indígenas do povo Jeripancó é sobrevoar em costumes culturais e práticas tradicionais, é educar pela leveza de saberes encontrados no pisar do terreiro ao assovio de um pássaro, entendendo a transmissão de valores seguidos pelo respeito.

É importante trabalhar a consciência da criança de modo a permitir seu processo evolutivo dentro do seu próprio eu, estimulando assim a construção e formação da identidade. A criança indígena tem espírito livre e transparente em virtude disso, trazemos as brincadeiras indígenas das crianças Jeripancó como parte da sua vivência. Educação se encontra na pureza do olhar de uma criança, na plenitude do brincar, assim, as brincadeiras podem ser uma ótima ferramenta no trabalho educativo em que as crianças podem aprender brincando, considerar a realidade para além do âmbito social é aguçar de modo prazeroso o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Contudo, todo contexto social visto dentro dos conhecimentos existentes entre os costumes tradicionais presentes na história e cultura tribal, fortalece a aprendizagem e desenvolve vínculos. Este trabalho propõe uma reflexão acerca das brincadeiras indígenas do povo Jeripancó sendo de grande importância manter viva a educação indígena pelo brincar, o qual a criança sendo o ser que dará continuidade às organizações sociais e tradicionais devem estar imersas as suas origens permitindo seu auto reconhecimento enquanto indígena.

Assim, ficamos na expectativa de que esta pesquisa tenha oferecido uma interface à educação especial em contexto indígena e que os alunos com e sem deficiência possam se apropriar

dos conhecimentos sistematizados e possa assumir também uma função para além da reprodução das relações sociais dominantes.

Referências

BRASIL. **Constituição (1988) Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL, **Decreto n. 6.040, de 07 de fevereiro de 2007**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 24 maio 2020.

BURATTO, L. G. **O Indígena em Situação de Deficiência: o duplo desafio da inclusão**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br>>. Acesso em: 05 agosto 2020.

BURATTO, L. G; BARROCO, S. M. S.; FAUSTINO, R. C. Educação Especial na escola indígena: Reflexões necessárias. In: FAUSTINO, R. C; CHAVES, M; BARROCO, S. M. S. (Org.). **Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: Contribuição da teoria Histórico Cultural**. Maringá: Eduem, 2010.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Tradução Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CERQUA, A. **Clarões de fé no Médio Amazonas: a prelazia de Parintins no seu jubileu de prata**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.

COHN C. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

FANTACHOLI, Fabiane das Neves. O Brincar na Educação Infantil: Jogos, Brinquedos e Brincadeiras – Um Olhar Psicopedagógico. **Revista Científica Aprender**. Publicado em 05 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=78>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FAUSTINO, Rosângela Célia Faustino e MOTA, Lúcio Tadeu. Crianças indígenas: o papel dos jogos, das brincadeiras e da imitação na aprendizagem e no desenvolvimento. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 38, n. 4, p. 395-404, out./dez., 2016. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v38i4.27968>

FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. **Jogos dos Povos Indígenas: tradição e mudança**. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil, 2006.

FERREIRA, Gilberto Geraldo. **Memórias de formação de um “Cacique” indígena**. SBHE, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ITURRA, R. **O imaginário das crianças: os silêncios da cultura oral**. Lisboa: fim de século, 1997.

LUCIANO, Gersem. Desafios para a execução de uma política pública municipal de educação escolar indígena: dois anos de experiências em São Gabriel da Cachoeira – AM.

In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Org.). **Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola**. 2. ed. São Paulo: Global, 2001. (Série: Antropologia e Educação).

NASCIMENTO, Adir Casaro. A educação e o indígena no Brasil por Adir Casaro Nascimento. **REU**, Sorocaba, SP, v. 41, n. 2, p. 331 – 335, dez. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Multilaser/Downloads/2433-Texto%20Original-4754-1-10-20151228.pdf>. Acesso em: 09 setembro 2020.

NASCIMENTO, Adir Casaro; BRAND, Antônio J.; AGUILERA URQUIZA, Antônio.H. Entender o Outro – A criança indígena e a questão da Educação Infantil. In: REUNIÃO DA ANPED. **Anais...** Caxambu, 2006.

OLIVEIRA, M. M. de. **Abordagem qualitativa**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SILVA, Aracy Lopes da; MACEDO, Ana V. L. da S.; NUNES, Ângela (Org.). **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

SILVA, Tailde Correia da, DINIZ, Denilson. **O brincar das crianças Jeripankó**. VI Congresso Nacional de Educação - VI CONEDU. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA_ID4309_07112019175505.pdf>. Acesso em: 04 agosto 2020.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo: Global, 2001.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Garantindo os direitos das crianças indígenas**. Nova Iorque: Unicef, 2004.

VAN DEN BERG, Carla Neide Cavalcante. **Perspectivas e Fundamentos da Educação Especial e da Educação Indígena no Estado de Roraima**. Monografia. Universidade Federal de Roraima - UFRR, 2019.

ZANELLA, Andréa Vieira; LESSA, Clarissa Terres; DA ROS, Sílvia Zanatta. Contextos grupais e sujeitos em relação: contribuições às reflexões sobre grupos sociais. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 211-218, 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722002000100022>

WAJSKOP, G. **Concepções de brincar entre profissionais da educação infantil: implicações para a prática institucional**. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

SOBRE OS AUTORES

DENILSON DINIZ PEREIRA: Professor da Universidade Federal do Amazonas. Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas. Pesquisador nas áreas de Educação Especial e Educação em Espaços Não Escolares.

denilsondinizp@gmail.com

TAILDE CORREIA SILVA: Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Ala-

goas - UFAL Campus Sertão.

taildesilva@hotmail.com

ROSEJANE DA MOTA FARIAS: Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Amazonas. Pesquisadora nas áreas da Surdez e Arte-educação .

roselibras@yahoo.com.br

MARIANA VERÍSSIMO SOARES DE AGUIAR E SILVA: Doutora em Filosofia pela Aix-Marseille Université AMU/França. Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas.

mverissimo@pucminas.br

Como referenciar este artigo

DINIZ, Denilson Diniz Pereira, SILVA, Tailde Correia Silva, FARIAS, Rosejane da Mota; AGUIAR E SILVA, Mariana Veríssimo Soares de. A educação especial em contexto indígena e as brincadeiras da etnia Jeripancó. Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, Boa Vista, v. 1, Edição temática – A interface da educação especial com a educação indígena – confluências e divergências, p. 000-000, 2020.

Submetido em: 14/08/2020

(01) Revisões requeridas em: 04/09/2020

(02) Revisões requeridas em: 05/11/2020

Aprovado em: 18/11/2020